

MEDICINA VETERINÁRIA – A HISTÓRIA DA ARTE DE CURAR ANIMAIS (PARTE I)

VETERINARY MEDICINE – THE HISTORY OF ART OF RESTORING THE ANIMAL HEALTH (PART I)

Margarete Del Bianchi¹, Celso Leite Villela²

Resumo:

Medicina Veterinária – A história da arte de curar animais (Parte I), faz parte de um trabalho de revisão e pesquisa que tem por objetivo resgatar um histórico da Medicina Veterinária, como profissão, seguido pelo Ensino da Medicina Veterinária no Brasil e no Mundo (Parte II), A Faculdade de Medicina Veterinária “Prof. Antonio Secundino de São José” – Um resgate histórico (Parte III), finalizando com Os Egressos de Medicina Veterinária do CREUPI- Absorção pelo mercado de trabalho (Parte IV).

Para se entender, ou mesmo situar melhor a história da Medicina Veterinária, uma breve retrospectiva - como ocorreu o seu surgimento, os primeiros veterinários, a relação do homem com os animais, desde os primórdios da civilização até os dias modernos - foi realizada.

Palavras chave: História da Medicina Veterinária; hipiatras, alveitares, veterinários.

Abstract:

Veterinary Medicine – history of the art of restoring animal health (Part I) is a review article on the history of the Veterinary Medicine around the world. A brief retrospective research on the history of Veterinary Medicine – its beginning, the first professionals and the man-to-animal relationships, from ancient times to our days, was performed.

Key words: Veterinary Medicine, history, veterinarians.

¹ Docente – UNIPINHAL – Setor de Microbiologia e Produção e Sanidade Avícola - e-mail: magye@uol.com.br

² Docente – UNIPINHAL – Setor de Bovinocultura e Bioclimatologia
Av. Hélio Vergueiro Leite s/n. CEP. 13.990-000 – Espírito Santo do Pinhal – SP.

O homem da pré-história ou do início da história apresentava características migratórias. Era nômade por natureza, alimentando-se de raízes, folhas, tubérculos, da caça e da pesca predatória.

Com a sua fixação em territórios específicos, geralmente, às margens de rios, onde o solo era fértil e as condições de sobrevivência favoráveis, surgiram as grandes civilizações e a domesticação dos animais passou a fazer parte de seus hábitos e de sua cultura.

Os animais têm sido utilizados pelo homem nas mais diferentes fases da civilização, tais como: companhia, meio de transporte, trabalho, alimento, esporte, lazer e, ainda, criados com o caráter econômico na produção de leite, mel e ovos, assim como seus derivados (couro e penas) para vestimentas e, na atualidade, até como produtos terapêuticos (GERMINIANI, 1992).

A arte de curar animais “ARS VETERINARIA”, assim denominada na Roma antiga (HATSCHBACH, 1995c), como também a manutenção do seu bem estar partiram de observações de que se pode afirmar que alguns princípios elementares de Medicina Veterinária - na sua maioria empíricos - se desenvolveram paralelamente com a “Medicina Humana”. Nas tribos primitivas, os cuidados médicos eram ministrados pelos feiticeiros, pastores ou sacerdotes, os quais, geralmente, eram os mais velhos do grupo (GERMINIANI, 1992).

Esta relação dos homens para com os animais deixou suas impressões nas pinturas pré-históricas encontradas, dentre outras, em cavernas como as de Lascaux e Altamira (BRUNNER & ZANNELLA, 1995).

Os mesmos autores ainda citam que com o desenvolvimento das sociedades humanas, os animais passaram a ser aceitos ou rejeitados por distintos agrupamentos. Os egípcios e os gregos, por exemplo, tinham como símbolos mitológicos híbridos entre animais e formas humanas, sendo o gato um espécime sagrado no Egito. Na Mesopotâmia, tem-se o cão em diversas manifestações artísticas e o bovino continua sendo venerado entre os hindus.

Entre os cristãos, judeus e muçulmanos, a condenação do consumo da carne de porco é cultural. Isto se justifica pelo uso do suíno como sentinela em novos locais de instalação das primitivas tribos nômades em seus processos migratórios. Filosoficamente, estes animais sendo passíveis de se contaminarem ou se infestarem com possíveis enfermidades que pudessem afetar o ser humano, detectariam regiões insanas, prevenindo, desta forma, a contaminação da população tribal, principalmente pela cisticercose, vulgarmente conhecida como “canjiquinha”. Este foi um dos primeiros relatos na profilaxia das enfermidades consideradas zoonóticas.

Na evolução da domesticação e tentativa de produção e reprodução animal em cativeiro, as questões de bem estar animal já eram consideradas.

Esta preocupação para com o bem estar dos animais é claramente visível entre os cristãos. SÃO TOMÁS de AQUINO (1225-1274), por exemplo, considerava crueldade os atos criminosos impressos contra os animais, assim como também para SÃO CRISÓSTOMO (347-407 d.C.) e SÃO FRANCISCO de ASSIS (1181-1226), que cobravam a obrigação do homem para com os animais (BRUNNER & ZANELLA, 1995).

Os grandes pensadores e filósofos gregos também discutiam sobre a relação entre homem e animal em suas teorias e postulados, como PLATÃO (427-347 a.C.), ARISTÓTELES (384-322 a.C.) e PITÁGORAS (130 a.C.).

Segundo RYDER (1989), citado por BRUNNER & ZANELLA (1995), tanto THOMAS MORE (1428-1535) quanto FRANCIS BACON (1521-1626) propuseram uma divisão estreita entre os animais e o homem. Neste sentido, BACON defendia a seguinte tese: “O homem, se nós considerarmos as causas finais, deve ser considerado o centro do mundo, tanto é que se o homem fosse removido do mundo, o restante apareceria perdido, sem objetivo ou propósito”.

Este antropocentrismo da Idade Média foi consagrado por RENÉ DESCARTES (1556-1650), ao propor que os animais eram insensíveis aos estímulos externos, não respondendo à sensação da dor. Tanto se fez, que os “observadores” desta época promoviam cirurgias em animais para observarem estruturas anatômicas e funcionais “in vivo”, sem uso de anestésicos (SERPEL, 1986 apud BRUNNER & ZANELLA, 1995).

Ainda, completando esta cronologia de correntes de pensamento, JEREMY BENTHAM (1748-1832) revoluciona com a teoria de que todas as criaturas que eram capazes de “sofrer” deveriam ser inclusas em considerações morais e protegidas por lei, “... a questão não é eles raciocinam?, eles falam?, porém eles sofrem?” (RYDER, 1989 apud BRUNNER & ZANELLA, 1995).

Enfim, com SCHOPENHAUER (1778-1860), definindo a piedade como base moral da ética, os animais, tendo características semelhantes aos humanos, também poderiam sofrer. E, no final do século XIX para o início do XX, ALBERT SCHWEIZER (1875-1965) postula a ética passando a ter um caráter universal, em que a vida deveria ser respeitada (BRUNNER & ZANELLA, 1995).

Historicamente, têm-se relatos da descrição de diagnóstico, prognóstico, sinais clínicos e tratamentos de doenças de animais em vários documentos como o “Papiro de Kahoun”, encontrado por Finders Petrie (1890) no deserto de Kahoun (Egito), há 4000 a.C. No código de leis de Hammurabi, rei da Babilônia (século

XVIII a.C.), verificam-se referências aos honorários e responsabilidades atribuídas ao médico de animais (HATSCHBACH, 1987).

Na Idade Média, verificou-se a hegemonia dos árabes no campo do saber da ciência, a partir da segunda metade do século VIII ao XI, devido às suas conquistas sobre o império romano e, principalmente, sobre a cultura cristã, na expansão do islamismo. Procurando inserir-se na civilização dos povos vencidos, penetrando em seus pensamentos e conhecimentos, manifestavam um particular interesse pelas ciências médicas, fundando um centro de ensino de inspiração hipocrática em Constantinopla (HATSCHBACH, 1997).

Segundo o mesmo autor, nas traduções de manuscritos árabes, foi encontrada uma sólida incorporação da arte de Esculápio nas tradições islâmicas, principalmente sobre a química, farmacologia e terapêutica. Sua fixação à hipiatria beneficiou enormemente a Medicina Veterinária, devido ao verdadeiro culto que se dedicava ao cavalo.

O “Livro de Kabour”, do século XI d.C., é uma verdadeira enciclopédia, pois, destinado à educação dos príncipes, englobava conhecimentos da época: políticos, administrativos, militares, comerciais, literários, científicos e médicos. O capítulo XXV é destinado ao cavalo, contendo a hipologia básica dos antigos gregos.

Existe importante tratado de agricultura intitulado “Kirab Al Falahah”, de ABOU ZACARIAS, do século XII, com 34 capítulos, dedicados quatro deles à Medicina Equina, bovina, ovina e dos camelos. O autor fez uma obra sintética através da escolha seletiva de documentos gregos, persas e hindus. Descreve a criação, utilização racional, alimentação, manejo e principais doenças dos animais.

A terapêutica é original pelo número e variedades dos documentos citados. Relaciona um manual operatório, que trata das sangrias, cauterizações, suturas, punções e catarata, bem como o caráter contagioso do mormo, da durina e do carbúnculo hemático. Esta obra é de grande interesse para a história da Medicina Veterinária mundial (HATSCHBACH, 1997).

A obra HIPPIATRICA, contribui com a literatura veterinária, trazendo informações sobre o exercício da profissão na civilização greco-romana, até o século X de nossa era. Esta publicação foi compilada por ordem do Imperador bizantino CONSTANTINO VII PORFIROGENTUS (911 – 959) d.C. e traduzida e impressa para o latim, por patrocínio de FRANCISCO I da França. (HATSCHBACH, 1995a).

Os hipiatras surgiram na Grécia (século VI). Citações de suas atuações são encontradas em obras como *Genopônica* e *Hippiatrika*, de historiadores como Xenofontes e Aristóteles, que descreviam as atividades agrícolas da época. Dos

420 capítulos que compõem a obra *Hippiatrica*, publicada pela primeira vez por Jean Ruel (1958), 121 foram escritos por *Apsirtos*, que ocupava o cargo de Veterinário-chefe do exército de *Constantino- O Grande* e considerado na atualidade, como o pai da Medicina Veterinária. (BARROS, 1991).

A preocupação com a arte de curar e com o meio ambiente vem dos mais remotos tempos. Um dos mais antigos registros históricos foi encontrado na China e faz referência a quatro importantes nomes ligados aos primórdios da arte de curar naquele país.

Colaborando com a história da Medicina Oriental Chinesa, os estudos de FU HSI, que teria vivido há 5.000 anos, se baseavam nas Leis Cósmicas que constituiriam os princípios básicos modeladores da Medicina. SHEN NUNG, descobridor do poder curativo das plantas, teria vivido há 4.000 anos. HUANG TI, foi o precursor da acupuntura, com aplicabilidade aos homens e animais. MA SHIN HUANG, considerado “pai” da Medicina Veterinária Chinesa, teria sido um dos mais importantes hipiatras de seu tempo. No entanto, no ocidente, há 10.000 anos, a civilização egípcia, habitante do Vale do Rio Nilo, manifestava sua estima e consideração para com os animais, da mesma forma que para com os seus semelhantes. Os animais dos faraós eram tratados pelo médico da realeza, pois muitos deles eram versados em Zoiatria (HATSCHBACH, 1992).

Quanto a origem do termo veterinário, existem várias hipóteses. Uma delas é a de que seria proveniente de *vetus-veteris*, a mesma origem da palavra *vetusto*, ou ainda de *veterina* (animal de carga), dando também a denominação de veterinários, aos homens que cuidavam e tratavam das doenças desses animais. Por ser o cavalo um dos primeiros animais a merecer atenção e cuidados pelos homens, o termo hipiatra (*hippo* = cavalo, *iatros* = médico), ou seja, médico de cavalos, também foi utilizado na antiga civilização latina, para designar o profissional apto a tratar de eqüinos. Já, na Espanha, no reinado de AFONSO V de ARAGÃO, foram estabelecidos os princípios de uma medicina animal racional, culminado com a criação do “Tribunal de Proto-Albeiterado” pelos reis católicos FERNANDO (1452-1516) e ISABEL (1451-1504) - dando origem ao termo *albeitar* e, posteriormente, *alveitar*, em homenagem ao mais famoso médico de animais espanhol da época - EB-EBN-BEITHAR. No Brasil Colônia, em 1810, o termo *alveitar* foi utilizado para designar os Veterinários-práticos que cuidavam da cavalaria militar (HATSCHBACH, 1997; GEMINIANI, 1992).

Na Europa, quando ainda não existiam Escolas de Veterinária, aqueles que praticavam a medicina animal eram chamados de MARECHAIS-FERRADORES nos países de língua latina, de ROSSARTZ na Alemanha e de FERRIES na Inglaterra (Brasil, 1999).

Assim, o cavalo foi o marco pioneiro a inspirar Claude Bourgelat, hipologista e advogado francês, a criar a primeira escola de veterinária em Lyon-França em 1762, com o objetivo de atrair alunos interessados em informações

científicas na arte de curar animais. Nascia, assim, o Médico Veterinário ou Zoonatra (GERMINIANI, 1992; HATSCHBACH, 1995c,d).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, G.C. **O Ensino da Medicina Veterinária no Brasil.** Brasília: CFMV, 1991. In: Origem da Medicina Veterinária e do Ensino no Brasil, p. 11-13.

BRASIL, 1999

BRUNNER, P; ZANELLA, A. D. Atitude do homem em relação aos animais: um breve relato histórico. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n.87, p.58-59, mar./abr. 1995.

GERMINIANI, C.L.B. Considerações sobre o ensino da medicina veterinária. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n.69, p.60, set./out. 1992.

HATSCHBACH, P.I. Hipiatras, alveitares, marechais-ferradores e zoonatras. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n.40, p.8, nov./dez. 1987.

HATSCHBACH, P.I. A Importância da Medicina Veterinária na Saúde Ambiental. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, nº 67, p. 19, maio/jun. 1992.

_____. 1922- Primeiro congresso de brasileiro de medicina veterinária. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n. 83, p. 53, jan./fev. 1995a.

HATSCHBACH, P.I. 1943- Segundo congresso brasileiro de medicina veterinária. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n. 84, p. 55, mar./abr. 1995b.

_____. Você sabia? **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n. 86, p. 63, jul./ago. 1995c.

_____. Associação mundial para a história da medicina veterinária. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n. 88, p. 51, nov./dez. 1995d.

_____. A medicina veterinária na Idade Média: a herança árabe. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n.98, p. 62, jul./ago. 1997.

RYDER, R.D. Animal revolution. Changing attitudes towards species. Oxford: Basil Blackwell, 1989. Citado por BRUNNER, P., . Atitude do homem em relação aos animais: um breve relato histórico. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n. 87, p. 58-59, mar./abr. 1995.

SERPEL, J. In the company of animals - A study of human-animal relationships., Oxford. Basil Blackwell. 1986. Citado por BRUNNER, P.. Atitude do homem em relação aos animais: um breve relato histórico. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, n. 87, p. 58-59, mar./abr.1995.